

A REALIDADE DO CÓDIGO ABERTO

Aspectos relevantes sobre o tema Software Livre (SL), bem como seu significado, suas vantagens e desvantagens e seus principais adeptos são retratados no artigo “A Realidade do Código Aberto”. Ressalva deste estudo a importância de uma abordagem mais abrangente sobre locais onde são utilizados o software livre, tal como agências do governo, grandes empresas, entre outros. Além disso serão apresentadas estatísticas sobre o uso do SL no Brasil.

Palavras-chave: Código Aberto, Software Livre.

Diego Severino Rossi de Oliveira

Felipe Silva Marcondes

Jaqueline Gonçalves Fernandes

Juliane Venturelli Silva Lima

Letícia Nayara de Oliveira Nogueira

Luana Thamiris da Silva de Oliveira

Luiza Novaes de Matoso Suguiuti

Natália Costa Araújo

Victória Maria Quirino Gomes Gonçalves

1. INTRODUÇÃO

O livro do cientista político Robert Putnam (com Robert Leonardi e Raffaella Y. Nanetti) - *Making Democracy Work: Civic Traditions in Modern Italy* - tem como tese central que a manutenção da democracia, assim como o desempenho institucional em um nível ótimo, dependem do capital social. No trabalho, Putnam retrata um estudo sobre o desempenho de algumas instituições de governos regionais italianos que eram similares, mas diferiam nas políticas culturais, econômicas e sociais (Putnam, 1993). Os autores concluíram que houve melhor desempenho os governos, mantendo os outros fatores constantes, onde havia fortes tradições de engajamento cívico. Dentro

desse contexto de desenvolvimento societal, é interessante avaliar os argumentos em torno do código aberto de software, que assume questões sociais, econômicas, e políticas.

A discussão sobre código aberto tem sido cada vez mais frequente no mundo dos negócios e no mundo acadêmico. Se antes se restringia apenas a um grupo seleto de pesquisadores computacionais, hoje a ideia de código aberto é quase uma filosofia para muitos. Essa ideia traz em jogo a questão de como lidar com o conhecimento. Os defensores assíduos do termo argumentam que a abertura do código permite o desenvolvimento otimizado de softwares que são usados em instituições empresariais e públicas, como por exemplo, universidades de todo o mundo.

DESENVOLVIMENTO

Nos softwares de código aberto (ou livre), os arquivos-fonte do programa são liberados para visualização e alteração do usuário. Com isso, pretende-se conseguir a contribuição de vários programadores para melhoramento deste software. A distribuição dele é gratuita, e qualquer modificação que for feita no programa, pode ser colocada à disposição para que outras pessoas tenham acesso às melhorias, e possam também, contribuir com processo.

É comum confundir software livre com software meramente gratuito. Neste, geralmente uma versão básica do programa é gratuita, e não possui todas as funcionalidades que a versão completa possui. O objetivo é que o usuário compre a versão completa. Existe ainda softwares que são completos, gratuitos e que não tem limitações. Nesse caso, o programador coloca links de patrocinadores programa. Porém, o código do programa não é aberto aos usuários.

Os softwares livres apresentam alguns pontos negativos que merecem ser levados em consideração. Um exemplo disso é que algumas vezes sua instalação e aplicação são difíceis, outro ponto negativo é a mão de obra custosa ou escassa para o desenvolvimento e suporte. Apesar do número crescente de usuários de software livre, especificamente do sistema Linux, ainda não há uma demanda suficiente de técnicos qualificados que torne os custos mais baixos e acelere o desenvolvimento, suporte e administração dos sistemas.

Embora alguns discordem das vantagens do código aberto de software, alegando que este não possui todas as ferramentas ofertadas pelos software pagos, a maioria das instituições governamentais do Brasil optam por adotá-los. As vantagens oferecidas são maximizadas pelo baixo custo de adoção, o que significa uma grande diminuição de custos para os cofres do governo e facilita a inclusão digital de pessoas carentes. [1]

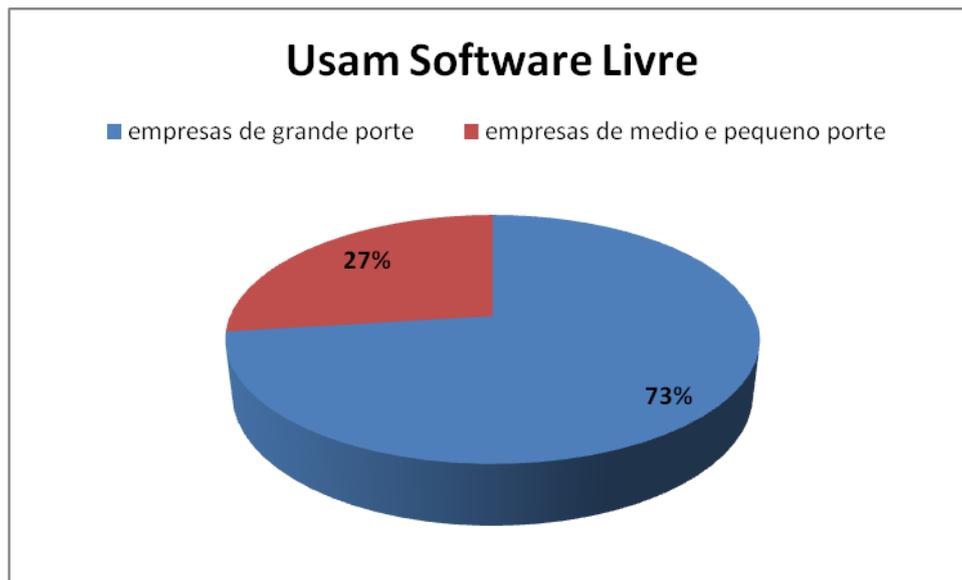
A linguagem de programação Java é um exemplo de código aberto, (usado em bilhões de aparelhos eletrônicos, como celulares e computadores) que disponibiliza o código para todos verem, copiarem e adaptarem. A ideia por trás de tudo isso é que o pensamento de muitos melhorará o produto e o manterá atualizado, o que obterá um resultado muito satisfatório, com software de maior qualidade e alta confiabilidade [2].

No Brasil, o governo federal está desenvolvendo o Novo Portal com a intenção de fortalecer a comunidade do próprio governo. Isso tem sido feito através da criação de mecanismos de colaboração e compartilhamento de informação e de conhecimento, aumentando, assim, a interação entre os técnicos do governo e destes com a sociedade. Por tais motivos, três dos componentes estruturais do software livre, tem sido tratados por meio de ações complementares. O uso de padrões é um deles, e tem como principal característica definir os padrões de interoperabilidade das tecnologias da informação e comunicação adotados pelo governo. Outra ação é o licenciamento livre dos softwares. Um estudo que mostra que a GPL (Licença Pública Geral), além de não afetar a Constituição, também pode ser utilizada com o devido amparo legal (referencia). Por último, a formação de comunidades que, constituída especialmente de usuários e desenvolvedores, tem espaço para o compartilhamento de informações e uma lista de discussão que pode contar com a participação de qualquer membro do governo.

O Instituto de Pesquisa Sem Fronteiras (ISF), especializado na realização de pesquisas e cursos nos setores de Tecnologia da Informação (TI), Telecomunicações e Internet, disponibilizou importantes dados sobre o uso de Software livre em algumas empresas do Brasil. Uma pesquisa feita em conferência sobre administração de sistemas e em uma comunidade open source, no dia 13 de agosto de 2010, indicou que a política do software livre não é bastante adotada e entre mil entrevistados. O índice de satisfação com os softwares livres foi de 7 a 8 em uma escala de 10. Dos entrevistados, 76% disseram que, em suas empresas, a política é a de adotar o open source sempre que possível e o software livre não é utilizado, na maioria dos casos, pela falta de

documentação e suporte. Ressalva que deverão ser levado em conta que parte dos entrevistados eram, de certa forma, relacionados ao software livre e isso pode prejudicar um pouco o resultado.

Em outra pesquisa feita pela instituição, em Março de 2008, constatou-se que das empresas que utilizam o software livre, as de grande porte estão incluídas com um maior percentual, como podemos analisar a partir do gráfico abaixo:



** São classificadas como grandes empresas aquelas que possuem mais de mil funcionários.*

Antes da pesquisa ser feita, a percepção do Instituto de Pesquisa sem Fronteiras era de que as empresas de médio porte eram mais adeptos ao software livre. Segundo eles, essa percepção errônea advinha da visão de sua menor liquidez e suas necessidades de TI específicas (mais voltadas às soluções proprietárias). Na verdade, este é o grupo no qual se verificou o mais baixo grau de adoção, ficando com 31% entre os segmentos horizontais estudados. Observando que são classificadas como menores empresas aquelas que possuem menos de 99 funcionários.

2. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho foi discutido o processo de desenvolvimento de software livre, relacionando-o com as questões de evolução de software, sua importância para o mercado de sistemas atual e como o valor da documentação tanto externa quanto interna é subestimado por alguns autores deste tipo de software.

As características do software é devido à forma singular como ele é produzido, já que eles são sistemas que estão em constante evolução e são feitos em sua maioria por pessoas que utilizam seu tempo livre para o desenvolvimento e não recebem retorno financeiro nenhum dos projetos que participam e, portanto preferem gastar este tempo programando ao invés de documentando. Com isso o nível das dificuldades encontradas por um usuário é grande dificultando assim a entrada do usuário para um grupo que pode contribuir e fazer parte do projeto como membro contribuinte de código.

Assim, se a barreira de entrada for maior do que o interesse do desenvolvedor, este não contribuirá com o projeto, o que é um problema para projetos de software livre que dependam unicamente de contribuintes voluntários para sua continuidade.

3. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

http://dennis.eti.br/index.php?option=com_content&view=article&id=86:software-livre-e-usado-em-73-das-grandes-empresas-no-brasil&catid=36:software-livre&Itemid=53

<http://softwarelivre.org/portal/comunidade/98-das-empresas-usam-algum-tipo-de-software-open-source>

<http://www.softwarelivre.gov.br/comunidade-no-governo>

Software Livre no Brasil: Análises & Entrevista com Marcos Mazoni, Northx South, 5 de maio de 2008 (disponível em: <http://www.northxsouth.com/brazil/pt.html>).

Calls for open source government, BBC News, 21 de janeiro de 2009 (disponível em: <http://news.bbc.co.uk/2/hi/technology/7841486.stm>).

Leonardi, Robert, Nanetti, Raffaella Y., Putnam, Robert, Princeton University Press, 1993

http://dennis.eti.br/index.php?option=com_content&view=article&id=86:software-livre-e-usado-em-73-das-grandes-empresas-no-brasil&catid=36:software-livre&Itemid=53

<http://softwarelivre.org/portal/comunidade/98-das-empresas-usam-algum-tipo-de-software-open-source>